



## **Podcast Economias Mutantes**

**Podcast\$ Economia\$ Mutante\$**  
**Laboratório de Estudos em Economias e Globalizações**  
**Episódio #6: Fazer a vida no Serviço Militar**  
**Transcrição do episódio: Irene do Planalto Chemin**  
**Roteiro: Nádia Xavier Moreira**  
**Edição de roteiro: Irene do Planalto Chemin e Kelly Silva**

### **ABERTURA**

**[Trilha sonora: música eletrônica com elementos sonoros que remetem a economia, como sons de feira e som de cupom fiscal. A música permanece ao longo de toda a fala de Kelly]**

**Kelly:** Como jovens indígenas de Roraima transformam o serviço militar em estratégia para fazer a vida? O que tá em jogo quando mesmo não sendo obrigados de se de investir a farda do exército brasileiro, tornando-se soldados.

Bem-vindos, bem-vindas e bem-vindes ao Economias Mutantes, um podcast sobre transformações econômicas contemporâneas pelas lentes da antropologia. Eu sou Kelly Silva, antropóloga e professora da Universidade de Brasília. No episódio de hoje, fazendo a vida no serviço militar, a professora Nádia Xavier Moreira explora o quartel como espaço de produção de futuros, renda e reconhecimento, a partir de pesquisa etnográfica realizada para sua tese de doutorado em antropologia social, sobre experiências no serviço militar no Estado de Roraima.

Entre pressões familiares, sonhos de infância, medo da irregularidade e busca por melhores oportunidades de trabalho, o voluntariado revela-se atravessado por

expectativas morais, responsabilidades coletivas e projetos individuais. Dialogando com a noção de fazer a vida formulada pelo antropólogo Federico Neiburg, o podcast apresenta como o soldo se converte em sustento, distinção e esperança. Mais do que dever patriótico, o quartel emerge como arena de negociação entre disciplina estatal, economia moral e construção de trajetórias em contexto de incerteza. Com vocês então, a professora Nádia, cuja pesquisa tem muito muito a nos surpreender.

## **Bloco 1**

**Nádia:** Você sabia que todo ano cerca de 1 milhão e meio de jovens brasileiros que completam 18 anos são chamados para está no serviço militar? Pois é. Mas olha só, do total, apenas em torno de 82.000 acabam realmente incorporados. E entre eles, tem também muitos jovens indígenas. Agora fica a pergunta, né? Por que um jovem indígena decide entrar no exército? Afinal, eles não são obrigados a servir.

Mesmo assim, quando completam 18 anos, muitos querem vestir a farda, virar soldados e viver essa experiência. É sobre E isso que a gente vai conversar hoje. Essas reflexões vem da minha pesquisa de doutorado, onde analisei justamente a participação de jovens indígenas no serviço militar. Eu fiz rodas de conversas com muitos jovens indígenas que estavam servindo e coletei relatos desses jovens sobre essa experiência em Roraima.

É verdade, Roraima. E por que Roraima? Bom, porque esse é o Estado brasileiro com maior proporção de povos indígenas na população, mais de 15%. Segundo o último censo, são mais de 97.000 indígenas vivendo no estado. Para você ter uma ideia, em cinco municípios de Roraima, a maioria da população é indígena.

O Uiramutã, por exemplo, é considerado o município mais indígena do Brasil, quase 97% dos moradores são indígenas. E olha outro dado impressionante, quase metade do território de Roraima é formado por terras indígenas já demarcadas, são 32 no total. E é nessas terras que vive a maior parte dessa população.

Ali estão povos como os Yanomami, os Ingaricó, Patamona, Macuxi, Taurepang, o Aïmari Atruari, o Apixana, o Awaí e Acoana, entre outros. Então, nesse episódio, vamos tentar entender o O que significa para esses jovens escolher o quartel como parte de suas vidas?

Adianta aqui que mais do que um compromisso com a pátria, o que está em jogo na decisão desses jovens é uma busca de abre aspas fazer a vida no tempo passado no quartel. Mas antes de entrar nessa discussão, vamos entender um pouco mais sobre o serviço militar. Você já deve ter ouvido falar do alistamento, seleção, juramento à bandeira. Mas se Será que sabe mesmo como isso funciona? E mais, será que esse processo é igual para todo mundo? Spoiler, é não, viu? Vamos entender juntos?

[Trilha sonora: Canção do Exército (Instrumental) - T. De Magalhães - Ten Cel Alberto Augusto Martins]

**Nádia:** Todos jovens do sexo masculino, no ano em que completa 18 anos, tem que se alistar para o serviço militar. Isso está na Constituição e numa lei lá dos 1960, a lei do serviço militar. Ou seja, é uma brigação legal. Quem dirige esse processo no Brasil é o Ministério da Defesa.

Do alistamento até sua formação como soldado, o O jovem selecionado a prestar o serviço militar inicial obrigatório passa por vários processos. O caminho é cheio de etapas e funciona como filtro até chegar a quem de fato vai vestir a farda. Funciona mais ou menos assim: primeiro você faz o alistamento que pode ser online ou presencial numa junta do serviço militar da sua cidade ou região.

Depois vem a seleção geral com os exames médicos, testes físicos e as entrevistas. Se for considerado apto, pode ser designado para uma unidade militar. Aí tem uma seleção complementar e só então vem a incorporação, que é quando você realmente entra para o quartel. Então nem todo mundo vira soldado. Muitos são dispensados, outros se tornam reservistas, né? E só uma pequena parte é realmente incorporada nas Forças Armadas.

É quase assim, gente, como um funil. Cada fase vai filtrando quem pode e quem não pode de continuar. Portanto, milhões se alistam, mas apenas uma parte acaba incorporada no exército, na marinha ou na aeronáutica, podendo ficar na vida militar de 1 a 8 anos.

Quem é dispensado e não chega a servir, também não sai lesado desse processo, porque passa pelo ritual de juramento à bandeira para receber o certificado de dispensa incorporação, o CDI, onde é reforçada a ideia de dever com a pátria. Ou seja, de um jeito ou de outro, todo mundo acaba marcado por esse processo e entrando em contato com o serviço militar. É como se o serviço militar fosse um grande filtro da juventude brasileira.

[Trilha sonora: Canção do Exército (Instrumental) - T. De Magalhães - Ten Cel Alberto Augusto Martins]

**Nádia:** Agora você pode estar se perguntando: Por que tanta formalidade? Por que o Estado se preocupa tanto com esse processo? O filósofo francês Michel Foucault tem uma expressão que nos ajuda a entender isso: condução de condutas. O que significa isso? Basicamente, que executar o poder não é só mandar o punir.

O poder é exercido por um conjunto de práticas e regras que vão moldando o comportamento das pessoas e até produzindo certos tipos de sujeitos. Mais do que simplesmente organizar quem vai servir, o recrutamento é forma de o Estado controlar e moldar a juventude, entende? No caso do exército, o jovem é treinado para ser disciplinado, pontual, obediente e patriota.

Mesmo a burocracia em torno do serviço militar inicial obrigatório, com seus certificados de alistamento militar, de dispensa de incorporação e de injeção, é parte desse controle. E no caso dos jovens indígenas, você deve estar se perguntando, né? Como fica essa questão da obrigatoriedade de servir, ainda que não exista previsão na Constituição para a sua dispensa do serviço militar, normas internas do Ministério da Defesa e das Forças Armadas são utilizadas para que os indígenas sejam dispensados desse serviço. Mesmo assim, muitos deles querem ingressar na vida militar e são voluntários para servir.

Vamos entender melhor o que está em jogo na escolha ou na falta de escolha desses jovens para se voluntariar. Ou seja, entender porque jovens indígenas querem servir no exército brasileiro. Vamos lá? À primeira vista, pode parecer estranho. O exército é uma instituição de estado, marcado por hierarquia e disciplina.

Mas para muitos jovens indígenas, o serviço militar é visto como uma oportunidade de fazer a vida, de conquistar respeito, garantir renda, planejar o futuro e até realizar desejo de consumo. Então, vamos entender melhor isso? Porque esse é o ponto central da minha tese de doutorado. O serviço militar, que muita gente pensa ser só uma obrigação do Estado, na prática ganha outro sentido para vários jovens indígenas. Ele acaba virando um jeito de, entre aspas, fazer a vida. Um espaço onde se misturam projetos pessoais, responsabilidades com a família, reconhecimento dentro da comunidade e estratégia de sobrevivência e de destaque social.

## **Bloco 2: Fazer a vida no serviço militar**

Para o antropólogo Frederico Neighbor, fazer a vida não é só garantir o básico para sobreviver. É muito mais do que isso, gente. É buscar realização pessoal, reconhecimento e um lugar na sociedade. Ele mostra que a gente faz a vida justamente em situações cheias de incerteza, desigualdade e negociações.

É nesse dia a dia que as pessoas constroem reputação, ajustam expectativas e criam estratégias para seguir em frente, mesmo com todas as paridades. Ou seja, fazer a vida é uma prática concreta. Como cada um de nós constrói sua trajetória, articulando escolhas individuais com as estruturas sociais, as relações e os valores que nos cercam.

E quando a gente olha bem, percebe que não se trata apenas de buscar dinheiro ou consumo, sabe? Mas também dignidade, distinção, reconhecimento, afeto e estabilidade. O soldo, o salário do soldado vira muito mais do que dinheiro no quartel. Ele se transforma em vida.

É o que garante o sustento da mãe e das irmãs, como no caso de um soldado que conversei, é o que possibilita construir uma casa como fez outro ou financiar estudos e projetos futuros. Tem ainda quem projete abrir um comércio ou quem queira pagar a educação dos filhos e deixar um patrimônio para a família, verdade. Como relatou uma liderança indígena, cujo o pai foi militar.

Então, o dinheiro que entra, o soldo, não é só o meu de sobrevivência, entende? Isso inclui desde pagar despesas do próprio quartel, como uniforme, transporte e hospedagem, comprar algo que dê distinção, como um fardamento melhor, até enviar ajuda para os pais, manter a esposa e filho. O que a antropóloga Eugênia Mota chamou de, abre aspas, dinheiro da casa.

Recurso que serve primeiro para a coletividade antes de ser gasto individualmente. No fim das contas, o soldo é um dinheiro plural cheio de significados. Ele é classificado, hierarquizado, marcado por moralidades. Parte vai para necessidades básicas, parte vira investimento em estudos, carteira de habilitação ou até pequenos negócios. E tem ainda um ponto central, viu?

A consciência do tempo. O serviço militar obrigatório tem limite máximo de 8 anos e isso gera nos jovens uma sensação de transitoriedade. Ele sabe que essa renda não é para sempre e por isso tenta transformá-las em projetos duradouros, uma casa, uma formação, um comércio. É aqui que entram a incerteza, mas também a esperança.

A incerteza ela não só aparece como um risco, mas também como motor criativo, uma força que leva esses jovens a planejar, calcular e também sonhar. E a esperança, ela atua como um guia, organizando escolhas, sustentando os projetos e mostrando como no meio das dificuldades, esses jovens vão fazendo a vida no e a partir do quartel.

Então, quando a gente olha de perto, percebe que o quartel é para esses jovens também um espaço de elaboração de futuro. de construção de possibilidades, meio a incertezas do presente.

### **Bloco 3: Responsabilidade e Respeito**

Outra coisa, quando a gente pensa na entrada dos jovens indígenas no serviço militar, dá para ver que é como uma virada de chave, sabe? Um momento em que marca a passagem para uma nova etapa de vida. Dá para a gente ver que ele funciona quase como ritual de passagem, entende? É nesse momento que aparece muito forte a ideia de tornar-se homem. E isso vem de duas dimensões principais, de um lado a responsabilidade e de outra a liberdade.

A responsabilidade aparece na obrigação de ajudar a família, de honrar o nome do exército, de usar o soldo, o salário do militar como um dinheiro que tem peso moral reconhecido dentro e fora da comunidade. Já a liberdade surge na possibilidade de ter um consumo próprio, de experimentar a vida na cidade, de fazer escolhas mais individuais. Essas duas forças andam juntos e em tensão.

De um lado, o ethos comunitário e de outro, a lógica liberal. Outra coisa, gente, que apareceu muito nas falas dos soldados é que o tempo de quartel trouxe para eles um novo tipo de respeito dentro da família, mas também da comunidade. Vou dar um exemplo para vocês. O Yan, que é um índio Wapichana. Ele já tava no quarto ano do serviço militar quando a gente conversou.

Ele contou que os anos no exército fizeram com que os seus pais passassem a olhá-lo de outro jeito, sabe? Com mais admiração. E não parou por aí. A postura dele virou referência para os irmãos mais novos e até para a própria comunidade. A mãe dele, que trabalha como merendeira em uma escola em Alto Alegre, lá o município de Roraima, chegou a pedir a foto dele fardado para colocar lá na escola, como exemplo para os alunos. E essa percepção não é só do Yan.

O Jean, soldado Macuxi, falou para mim algo parecido, aspas para ele: "Na comunidade, quem serviu é mais respeitado. As pessoas veem que você foi para o quartel, obedeceu, aprendeu disciplina. Isso vale muito, né?" Esse respeito funciona quase como uma injustiça, sabe? Dá uma posição diferenciada dentro da coletividade.

O Bezerra, também Macuxi, disse para mim assim: "Agora me escutam mais. Muitos vêm me pedir conselhos. Tem também minhas irmãs, elas estudam. Aí eu fiz Fico falando para elas que é para estudar, aí também elas me respeitam. Foram coisas que o Bezerra me contou na entrevista. E tem ainda o Ricky da comunidade de Napoleão em Normandia.

Para ele, o que fez a diferença foi a associação que as pessoas da comunidade passaram a fazer entre a vida militar e valores como obediência, disciplina e responsabilidade. Isso fez com que durante o tempo que serviu, ele fosse visto como alguém mais respeitado.

#### **Bloco 4: Tradição e sonho**

Outra motivação muito forte para muitos jovens indígenas é a tradição e o sonho da família de ter alguém no exército. Quase sempre tem um parente, um amigo, alguém da comunidade que já serviu. E esses exemplos acabam inspirando, né? Quartel passa a ser visto como um caminho natural. Vou te contar o caso do Tallys, por exemplo. Ele é filho de mãe macuxi e pai branco, da Terra Indígena de São Marcos, lá no norte de Roraima.

Quando completou 18 anos, já tinha terminado o ensino médio em Pacaraíma e ajudava os pais na roça. Ele contava que plantava macaxeira, abóbora e mamão. Para ele, servir sempre foi a primeira opção, porque era uma tradição na família e na comunidade, sabe? Então, quando foi convocado, não teve dúvida. Em uma entrevista, ele me falou assim, aspas pro Tallys: "já tava claro na minha cabeça que assim que eu fizesse 18 anos, eu iria me alistar, sabe? Eu via muita gente servindo, muita gente da minha família também. Então isso já passava pela minha cabeça há muito tempo".

Agora deixa eu te contar a história do José. Ele tem 20 anos, é filho de mãe Macuxi e pai Wapichana, também da terra indígena São Marcos em Pacaraima. Quando completou 18 anos, ele se alistou e decidiu servir como voluntário. E sabem por quê? Porque isso já é uma faz uma tradição na família dele.

O pai e o irmão serviram, tanto do lado da mãe, quanto do pai, tem parentes que passaram pelo serviço militar. E alguns primos hoje são policiais militares em Roraima. José falou uma coisa que resume bem esse sentimento: "Corre nas minhas veias sangue militar". Para ele, servir não é só uma escolha, é continuar uma história que começou antes mesmo dele nascer. Esse sonho também é alimentado pelas famílias famílias, entende?

Principalmente pelas mães. Muitos acreditam que o serviço militar dá prestígio e abre caminhos para os filhos. Como contou um deles: "Minha mãe achava o exército máximo, sonhava com isso. Achava que eu ia ser mais respeitado na comunidade se entrasse, que eu ia ter uma profissionalização lá dentro, coisa que ia me ajudar quando eu saísse de lá. Aí me voluntariei, claro, né?"

### **Bloco 6: Pressões Familiares**

Agora pessoal, tem um ponto que a gente precisa também destacar. Nem sempre o jovem indígena se voluntaria porque realmente quer. Muitas vezes existe uma pressão da família, dos parentes e da própria comunidade, entende? Quer ver? Olha a história do Silva Batista, indígena Macuxi. Ele tinha ensino médio, curso de informática, tava trabalhando como vigia e ganhando R\$ 1000 por mês. Nem pensava em se alistar. Só que aí chegou uma tia de São Paulo, né? Aí já viu, falando das vantagens da vida militar e convenceu a mãe dele de que o quartel seria a melhor opção. No fim das contas, ele acabou dizendo que queria se alistar. Mas a verdade é que não queria não. Foi mais pela insistência da família.

O mesmo aconteceu com Mateus, indígena taurepang da Raposa Serra do Sol. Ele ainda estava terminando o ensino médio, sonhava em fazer faculdade, mas os pais achavam que o melhor era servir. Ele mesmo falou: "Só fui voluntário mais por causa da minha família. Eu não queria, não. Meus pais queriam que eu entrasse no exército. Um cunhado meu serviu lá em Uiramutã e falava muito para eu servir também". Percebem? Essas histórias mostram que muitas vezes a tal voluntariedade indígena tem um peso enorme da família e da comunidade. Não é só a escolha do jovem, é uma escolha atravessada por desejos e expectativa dos outros.

## **Bloco 7: Medo**

Tem ainda, gente, um ponto que levou os indígenas que conversei a se voluntariar para o serviço militar, o medo. Muitos jovens indígenas acabaram-se voluntariando para o exército, não porque realmente queria, mas porque tinha um receio de dizer não, principalmente quando estavam em situação de atraso no alistamento, como refratários. Refratário é o nome dado a quem não se alija quando completa 18 anos. Foi o caso do Haroldo, indígena macochi da Raposa Serra do Sol.

Ele tinha feito ensino médio, curso de bombeiro hidráulico e arrumou um trabalho temporário, ganhando quase R\$ 1.800 por mês. Dois anos depois, surgiu a chance de um contrato fixo. Só que para isso, ele precisava da carteira de trabalho. E adivinha, sem estar em dia com o serviço militar, não tinha como, né? Ele foi até a junta, pagou a multa e na hora da entrevista bateu a insegurança. Aí ele me disse depois: "Eu não queria não, mas na hora eu disse que sim".

E teve ainda o Juliano, Macuxi de Normandia. Ele se alistou aos 17 anos como voluntário, mas desde insistiu de seguir adiante. Depois se mudou para Boa Vista. Passou numa seleção do CEFET e para se matricular precisou provar que estava em dia com o serviço militar. Aí não teve jeito, né? Se alistou de novo.

Ele me disse: "Eu não queria servir porque queria mesmo era estudar, mas meu irmão já tinha servido e me aconselhou a colocar como voluntário, porque eu já era refratário. Então coloquei mesmo não querendo". Entende? Ou seja, muitas vezes o voluntário casado, indígena, não vem de uma escolha livre, mas de pressões da família, dos amigos, do medo de estar irregular. Esse detalhe mostra como sim nem sempre significa vontade verdadeira. Às vezes é apenas a saída mais segura diante das circunstâncias.

## **Bloco 8: Melhores oportunidades de Trabalho**

Outro motivo que apareceu para muitos jovens indígenas se voluntariar para servir foi a busca por melhores oportunidades de trabalho. Muitos desses jovens, quando

completam 18 anos, já estão trabalhando mais em empregos temporários, mal-pagos e sem direitos. É o caso do Luiz, indígena macuxi da terra indígena São Marcos. Ele se mudou para a Boa Vista ainda adolescente com a mãe, tentando fugir da exploração que vivia como vaqueiro em uma fazenda.

Na capital começou a fazer de tudo, ajudante de pedreiro, carregador de caminhão, serviço de limpeza sempre recebendo pouco e sem carteira assinada. Essa rotina pesada acabou atrapalhando os estudos. Luiz só conseguiu terminar o primeiro ano do ensino médio. Então, quando completou 18 anos, decidiu se alistar no serviço militar.

A ideia dele era simples: conseguir uma oportunidade profissional melhor, ter acesso ao certificado de dispensa de incorporação e assim tentar voltar a estudar. Só que como não tinha a qualificação exigida pelas Forças Armadas, acabou dispensado logo no indício. Chato, né?

Já o Antônio, índio wapichana da terra indígena Jacamim, trabalhava na lavoura de arroz em Bonfim, ganhando em torno de R\$ 2.800 por mês dirigindo um trator. Só que o trabalho era temporário, terminava junto com a colheita da safra. Ele mesmo me contou: "Eu precisava de um emprego para ganhar dinheiro, porque eu ia ficar de sem nenhum, né? Pois vou me alistar ali, que assim vou ter um trabalho até mais garantido, né?". Foi incorporado e agora pensa em estudar para um concurso público, pois não quer ficar os 8 anos no serviço militar e terminar o tempo em uma situação de incerteza, sem o emprego certo e uma renda fixa ou mesmo ficar desempregado.

Essas histórias mostram a realidade dura. O quartel aparece como saída para quem enfrenta trabalhos precarizados, falta de oportunidades e medo de ficar sem renda. Para muitos jovens indígenas, se voluntariar, não está associado ao patriotismo, mas é visto como uma oportunidade de garantir um futuro melhor, de ter uma renda certa e projetar outras possibilidades de vida, ou seja, de fazer a vida nos anos de serviço militar.

## **Bloco 8: Conclusão**

**Nádia:** Então, depois de ouvir tantas histórias e entender um pouco melhor as motivações que levam jovens indígenas a se voluntariarem para o serviço militar dá para perceber que o quartel é muito mais do que um espaço de disciplina, hierarquia e obediência. Para os jovens indígenas, ele é, antes de tudo, um espaço de possibilidades, um lugar onde se cruzam desejos, medos, tradições e estratégias de futuro.

Para muitos desses jovens, servir ao exército não é só uma escolha individual, é também uma forma de responder às expectativas da família, buscar estabilidade, conquistar respeito e abrir caminhos em meio a incertezas. É um jeito de lidar com o presente e ao mesmo tempo, né, projetar o amanhã. Tem quem entre por vontade, tem quem entre por necessidade, tem quem entre para realizar o desejo da família.

Mas no fim das contas, todos acabam encontrando no quartel uma chance de transformar o presente e projetar o futuro. O soldo vira sustento, o uniforme vira símbolo de reconhecimento e a rotina militar se mistura com a vontade de construir uma vida melhor. E é justamente aí que entra a categoria que atravessa toda essa conversa, fazer a vida.

Porque fazer a vida não é apenas sobreviver, é criar sentido, é planejar, é sonhar, mesmo quando o futuro é incerto e o caminho parece difícil. O quartel para esses jovens se torna então espaço de fazer a vida, um laboratório de futuros, um lugar onde se aprende a transitar entre mundos, o da aldeia e o do quartel, o da incerteza e o da esperança.

E talvez seja isso que mais nos ensina essa experiência. que mesmo dentro das instituições mais rígidas como o exército, os jovens indígenas continuam criando caminhos próprios, moldando sentidos, sonhando e projetando formas de viver sua vida, mesmo em situações de dificuldades.

**Créditos**

**Kelly:** Você acabou de ouvir o podcast Economia\$ Mutante\$, uma produção do Laboratório de Estudos em Economia e Globalizações, vinculado ao Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. O episódio de hoje, “Fazer a Vida no Serviço Militar”, é produto das pesquisas realizadas por Nádia Xavier Moreira, sob orientação de Kelly Silva.

A pesquisa é fruto de fomento da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal, FAPDF e da comissão de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior, CAPES. Agradecemos a primeira brigada de infantaria de Selva em Boa Vista, a junta do serviço militar em Boa Vista e a todos os soldados indígenas sem os quais essa pesquisa não seria possível.

Se quiser saber mais sobre os trabalhos do LEG, acesse o nosso site [www.leg.dan.bsb.br](http://www.leg.dan.bsb.br) ou ainda nosso perfil no Instagram @leeg.unb. Na descrição desse episódio, no site do LEEG, você encontra sua transcrição completa e materiais extras referentes ao tema. A apresentação e roteiro do episódio foram elaborados por Nádia Xavier Moreira, sob orientação de Kelly Silva e Irene do Planalto Chemin. A edição de roteiro, edição de áudio, sonoplastia e finalização é de Irene do Planalto Chemin. A música-tema do nosso podcast é de Fábio Popinigis.

Rafael Caron é o autor da identidade visual do nosso podcast e Irene do Planalto Chemin é quem cuida da comunicação e divulgação. Por fim, eu, Kelly Silva, sou coordenadora geral desse podcast. Até a próxima.

[Trilha sonora: música eletrônica com elementos sonoros que remetem a economia, como sons de feira e som de cupom fiscal]